

O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA NA INFÂNCIA¹

Tânia Aparecida Carnelose

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo apresentar algumas contribuições teóricas referente a aquisição da linguagem oral e escrita na infância em consonância com estudos de alguns autores que tratam específico sobre o tema. É um tema bastante discutido, hoje, tendo em vista a importância da sua contribuição para a formação inicial do educando, pois cada vez mais cedo as crianças estão inseridas na leitura e escrita, assim surgiu o interesse pela pesquisa a fim de entender melhor como se dá o processo da aquisição da linguagem oral e escrita na infância. Para a pesquisa foi utilizada a metodologia qualitativa, fundamentada no Referencial Curricular Nacional Para Educação Infantil e nos autores: Lev Semionovich Vygotsky, Emilia Ferreiro e outras contribuições.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Criança. Linguagem Oral. Escrita.

ABSTRACT

This article aims to present some theoretical contributions related to the acquisition of oral and written language in childhood in line with studies of some authors that address specific about the subject. It is a much discussed topic today in view of the importance of their contribution to the initial formation of the student, for a time earlier children are placed in reading and writing, thus came the interest in research to better understand how to gives the process of acquisition of oral and written language in childhood. For the study we used qualitative methodology, based on the National Curriculum Reference for Early Childhood Education and authors: Lev Vygotsky Semionovich, Emilia Ferreiro and other contributions.

KEYWORDS: Childhood Education. Child. Oral Language. Writing.

1 INTRODUÇÃO

No âmbito da Educação Infantil a temática Linguagem oral e escrita vem sendo muito debatida e discutida, principalmente no tempo atual, que a criança inicia sua inserção na leitura e na escrita cada vez mais cedo, tendo início antes mesmo da sua entrada na escola, considerando que a linguagens é um processo que começa muito antes da criança aprender a ler e a escrever formalmente.

1 Artigo apresentado a Universidade Três Fronteiras como pré-requisito da disciplina Metodologia Científica, referente: O Processo de Aquisição da Linguagem Oral e Escrita na Infância. Solicitado no Curso Maestria em Ciencias de la Educacion - Mestrado da Universidad Internacional Tres Fronteras –UNINTER. Trabalho orientado pela Professora Dra. Regina Menacho.

Estudos de autores que tratam o assunto em questão apontam que as crianças cada vez mais cedo, estão inclusas no mundo letrado. Desta forma, as linguagens orais e escrita são de fundamentais importâncias na sociedade.

É necessário entender o papel da Educação Infantil no desenvolvimento das linguagens e que nessa etapa é fundamental trabalhar com múltiplas linguagens, para que as crianças através das várias vivências possam desenvolver por meio de suas manifestações simbólicas e assim construir seus pensamentos.

Considerando a importância do tema e a necessidade enquanto profissional da área da educação, em estudar e entender melhor como se dá o processo de aquisição da linguagem oral e escrita na infância, é que surgiu o interesse pela pesquisa, pois à medida que a criança se apropria dos valores culturais presentes na sociedade por meio da linguagem, altera significativamente o processo de formação do seu pensamento.

Para entender esse processo o estudo tem como objetivo apresentar alguns apontamentos consideráveis embasados no Referencial Curricular Nacional Para educação Infantil e nos autores Vygotsky e Emilia Ferreiro.

2. A LINGUAGEM ORAL E ESCRITA NA INFÂNCIA A LUZ DO REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA EDUCAÇÃO INFANTIL

A criança está inserida no campo lingüístico desde seu nascimento com os balbucios, choros, gestos tudo que possibilita a se comunicar, com essa efetivação a criança apropria-se gradativamente da fala e amplia seu vocabulário diante das vivências de comunicação em seu dia a dia.

O desenvolvimento da fala e da capacidade simbólica ampliam significativamente os recursos intelectuais, porém as falas infantis são, ainda, produto de uma perspectiva muito particular de um modo próprio de ver o mundo. (BRASIL,1998.p.126).

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998), relata que a ampliação de suas capacidades de comunicação oral ocorre gradativamente, por meio de um processo de idas e vindas que envolvem tanto a participação das crianças nas conversas cotidianas, em situações de escuta e canto de músicas, em brincadeiras, etc. com a participação em situações mais formais de uso da linguagem, como aquelas que envolvem a leitura de textos diversos. Entende-se que quanto mais interações diversificadas, propiciará a criança maior oportunidade no desenvolvimento da linguagem oral.

Referente ao desenvolvimento da linguagem escrita na Educação Infantil o Referencial expõe que:

Nas sociedades letradas, as crianças, desde os primeiros meses, estão em permanente contato com a linguagem escrita. é por meio desse contato diversificado em seu ambiente social que as crianças descobrem o aspecto funcional da comunicação escrita, desenvolvendo interesse e curiosidade por essa linguagem. (BRASIL, 1998, p.127).

Entende que diante do grau de letramento no ambiente em que a criança está inserida, implicará em suas reflexões e curiosidade referente a função da escrita e seus significados.

Pensando em ambientes letrados, que implicam a evolução da escrita das crianças os Parâmetros Curriculares Nacional para Educação Infantil (1998) aponta que:

A Educação Infantil, ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita, se constitui em um dos espaços de ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças. Essa ampliação está relacionada ao desenvolvimento gradativo das capacidades às quatro competências linguísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever (BRASIL, 1998, p.127).

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998), aponta que “Pesquisas na área da linguagem tendem a reconhecer que o processo de letramento está associado tanto à construção dos discursos oral como discurso escrito”. Principalmente nos meios urbanos, grande parte das crianças, desde pequenas, estão em contato com a linguagem escrita por meio de seus diferentes portadores de textos, como livros, jornais, embalagens, cartazes, placas de ônibus etc., iniciando-se no conhecimento desses materiais gráficos antes mesmo de

ingressarem na instituição educativa, não esperando a permissão dos adultos para começarem a pensar sobre a escrita e seus usos.

Segundo o Referencial:

Para aprender a ler e a escrever, a criança precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem. Isso significa que alfabetização não é o desenvolvimento de capacidades relacionadas à percepção, memorização e treino de um conjunto de habilidades sensório-motoras. É, antes, um processo no qual as crianças precisam resolver problemas de natureza lógica até chegarem a compreender de forma a escrita alfabética em português representa a linguagem, e assim poderem escrever ler por si mesmas. (BRASIL, 1998, p.123).

Segundo o Referencial (1998) "as crianças constroem conhecimentos sobre a escrita muito antes do que se supunha e de que elaboram hipóteses originais na tentativa de compreendê-la amplia as possibilidades de a instituição de Educação Infantil enriquecer e dar continuidade a esse processo. Essa concepção supera a idéia que é necessária, em determinada idade, instituir classes de alfabetização para ensinar a ler e escrever. Aprender a ler e a escrever fazem parte de um longo processo ligado à participação em práticas sociais de leitura e escrita.

2.1 O processo de aquisição da linguagem oral e escrita na perspectiva de L.S. Vygotsky

Vygotsky (1984), atribui enorme importância ao papel da interação social no desenvolvimento do ser humano, segundo ele, a primeira tendência compara o estudo da criança à botânica, ou seja, entende que o desenvolvimento da criança depende de um processo de maturação de organismo. Esta concepção se apoia na idéia de que "a mente da criança contém todos os estágios do futuro desenvolvimentos intelectuais: eles existem já na sua forma completa, esperando o momento certo para emergir" (VYGOTSKY, 1984.p.26). Para ele, segundo Rego (1995) a maturação biológica é fator secundário no desenvolvimento das formas complexas do comportamento humano, pois essas dependem da interação da criança e sua cultura.

No que diz respeito ao estudo das relações entre pensamento e linguagem é considerado um dos temas mais complexo da psicologia. Vygotsky (1984), se

dedicou a este assunto durante muitos anos da sua vida. Ele e seus colaboradores, segundo Rego (1995) trouxeram importantes contribuições sobre o tema, principalmente no que se refere à compreensão das raízes genéticas da relação entre o pensamento e a linguagem.

Afirma que a relação entre o pensamento e a fala passa por varias mudanças ao longo da vida individuo. Apesar de terem origens diferentes e de se desenvolverem de modo independente, numa certa altura, graças a inserção de criança num grupo cultural, o pensamento e a linguagem se encontram e dão origem ao modo de funcionamento psicológico mais sofisticado, tipicamente humano. (VYGOTSKY, apud Rego, 1995.p.63).

Segundo Vygotsky (1984), a conquista da linguagem representa um marco no desenvolvimento do homem: “a capacitação especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis”, assim como superarem a ação impulsiva, a planejarem a solução para um problema antes de sua execução e a controlarem seu próprio comportamento. Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, Sendo assim, a linguagem tanto expressa o pensamento da criança como age como organizadora desse pensamento.

Tanto nas crianças como nos adultos, a função primordial da fala e o contato social, a comunicação; isto quer dizer que o desenvolvimento da linguagem e impulsionado pela necessidade de comunicação. Assim mesmo a fala mais primitiva da criança é social. Nos primeiros meses de vida, o balbucio, o riso, o choro, as expressões faciais ou as primeiras palavras da criança cumprem não somente a função de alívio emocional (como por exemplo, manifestação de conforto ou incomodo) como também são meios de contatos com os membros de seu grupo. No entanto, esses sons, gestos ou expressões são manifestações bastante difusas, pois não indicam significados específicos (por exemplo, o choro do bebe pode significar dor de barriga, fome, etc.). Vygotsky (1984) chamou esta fase de estagio pré-intelectual do desenvolvimento da fala.

Vygotsky (1984) afirma que não é somente através da aquisição da linguagem falada que o individuo adquire formas mais complexas de se relacionar

com o mundo que o cerca. O aprendizado da língua escrita representa um novo e considerável salto no desenvolvimento da pessoa.

O aprendizado da escrita, esse produto cultural construído ao longo da história da humanidade, é entendido por Vygotsky (1988) como processo bastante complexo, que é iniciado para criança "muito antes da primeira vez que o professor coloca um lápis em sua mão e mostra como formar letras" (VYGOTSKY, L.S., et al. 1988, p.143).

A complexibilidade desse processo está associado ao fato de a escrita ser um sistema de representação da realidade extremamente sofisticado, que se constitui num conjunto de "símbolos de segunda ordem, os símbolos escritos funcionam como designações dos símbolos verbais. A compreensão da linguagem escrita é efetuada, primeiramente, através da linguagem falada: no entanto, gradualmente essa via é reduzida, abreviada, e a linguagem falada desaparece como intermediário" (VYGOTSKY, 1984, p. 131).

Rego (1995), sendo assim, o aprendizado da linguagem escrita envolve a elaboração de todo um sistema de representação simbólica da realidade. É por isso que ele identifica uma espécie de continuidade entre as diversas atividades simbólicas: os gestos, os desenhos e o brinquedo. Em outras palavras, estas atividades contribuem para o desenvolvimento da representação simbólica (onde os signos representam significados), e, conseqüentemente, para o processo de aquisição da linguagem da escrita.

Vygotsky (1984) aponta que a linguagem escrita é um sistema de símbolo e signos, denominado pelo autor como simbolismos de segunda ordem, isto porque, para se chegar neste, a criança passa antes pelos simbolismos de primeira ordem que são o gesto, o brinquedo, o desenho e a fala.

O gesto é signo visual inicial que contém a futura escrita da criança. Os gestos são a escrita no ar, e os signos escritos são, frequentemente, simples gestos que foram fixados. É mencionada, ainda, a ligação entre os gestos e a escrita pictográfica ou pictória, e mostra que os gestos figurativos denotam simplesmente a reprodução de um signo gráfico, por outro lado, os signos são a fixação de gestos. O brinquedo é a segunda fase que une os gestos à linguagem escrita é a dos jogos

das crianças. Para elas alguns objetos podem de pronto denotar outros, substituindo-os e tornando-se seus signos. Não é importante o grau de similaridade entre as coisas com que se brinca e o objeto denotado, o mais importante é a utilização de alguns objetos como o brinquedo e a possibilidade de executar com eles um gesto representativo. Já o desenho começa quando a linguagem falada já teve grande progresso, pois esta auxiliará na interpretação dos desenhos que as crianças fazem. Primeiramente, as mesmas desenhavam apenas de memória, não desenhavam o que vem, mas sim o que conhecem, e estes desenhos têm por base a linguagem verbal, que é o primeiro estágio, do desenvolvimento da linguagem escrita.

O signo tem como finalidade representar a nossa fala, e não o mundo material. Por exemplo, quando escrevemos a palavra MAÇÃ, estamos representando o que falamos, quando a maçã está desenhada imediatamente nos vem à imagem real dela. Para Vygotsky (1984), o desenvolvimento da linguagem escrita torne-se estável e independente do número de elementos anotados, deve-se desenvolver signos, e a memória terá ganhado um poderoso instrumento, que tornará a escrita objetiva.

Vygotsky (1984) faz importantes críticas a visão, presente tanto na Psicologia como na Pedagogia, que considera o aprendizado da escrita apenas como habilidade motora: “Ensina-se as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que se acaba obscurecendo a linguagem escrita como tal”(VYGOTSKY, 1984, p. 119).

Muitos educadores desconhecem ou desconsideram esses processos de construção da escrita desenvolvida pelas crianças e que as participações de experiências culturais não são isoladas. Desconsiderando, assim, as experiências que a criança construiu a respeito da linguagem desde muito cedo, antes da sua entrada na escola.

2.2. O processo de aquisição da linguagem escrita na visão de Emilia Ferreiro

Para Ferreiro (2011) muito antes de serem capazes de ler, no sentido convencional do termo, as crianças tentam interpretar os diversos textos que encontram ao seu redor (livros, embalagens comerciais, cartazes de rua), títulos (anúncios de televisão, histórias em quadrinhos, etc.).

Ferreiro (2011) coloca duas razões pertinentes para compreensão dos processos de leitura: Primeira, aceitar a realidade dos processos de assimilação implica também acertar que a aprendizagem alguma começa do zero; o estudo pormenorizado do que a criança traz consigo – sua bagagem de esquemas interpretativos – antes de iniciar o processo de escolarização é essencial – dentro desta perspectiva – para saber sobre que bases será possível estimular que tal ou qual informação (apresentada desta ou aquela maneira) será fácil, difícil ou impossível de ser assimilada pela criança. Segunda, considerarmos a caracterização do processo de leitura como um processo no qual, para, obter significado, o leitor recorre a fontes de informações visuais e não-visuais. A informação visual foi caracterizada principalmente como a informação gráfica disponível (as próprias letras, seus agrupamentos, a disposição espacial do material gráfico, os sinais de pontuação, etc.). A informação não-visual foi caracterizada sobre tudo como conhecimentos da língua que o leitor possui, assim conhecimentos de temas envolvidos.

Ferreiro (2011), coloca que há poucos anos apenas é que nossa visão do processo de aquisição da escrita mudou de forma radical, pois foi através de evidências que assinalam a importância das experiências de interpretação e de produção de textos realizados pelas crianças, muito antes de seu ingresso numa instituição escolar. As produções escritas das crianças que antes eram consideradas meras garatujas adquiriram um novo significado. Agora, segundo Ferreiro (2011), sabemos interpretá-las, como escritas verdadeiras que não se assentam nos princípios básicos do sistema alfabético, mas as quais não faltam uma sistematização. São escritas que se baseiam em outros princípios. As crianças

podem usar letras como as nossas, e escrever “ em outro sistema”, assim como, no início da aquisição da linguagem oral, podem utilizar palavras da linguagem ambiente, nas com diferentes regras de combinação.

Segundo Ferreira (2011), quando procuramos compreender o desenvolvimento da leitura e escrita, do ponto de vista dos processos de apropriação de um objeto socialmente constituído (e não do ponto de vista da aquisição de uma técnica de transcrição), buscamos ver se havia modos de organização relativamente estáveis que se sucediam em certa ordem. Agora sabemos que há uma serie de modos de representação que precedem a representação alfabética da linguagem; sabemos que modos de representação pré-alfabética se sucedem em certa ordem: primeiro, vários modos de representação alheios a qualquer busca de correspondência entre a pauta sonora de uma emissão e a escrita; depois, modos de representação silábicos (com ou sem valor sonoro convencional) e modos de representação silábico-alfabético que precedem regularmente a aparição da escrita rígida pelos princípios alfabéticos.

Embora o aprendizado da língua escrita não seja exatamente similar ao da língua oral, é útil prosseguir com o contraste entre as atividades sociais frente às duas aprendizagens. No caso da aprendizagem da língua oral, os adultos que rodeiam a criança manifestam entusiasmo quando ela faz suas primeiras tentativas para comunicar-se oralmente. Ninguém espera que, desde a primeira palavra emitida, a pronúncia seja correta. Ninguém espera que, desde as primeiras combinações de palavras que tente produzir, a síntese seja perfeita. Todos tentam compreender o que a criança disse supondo que quis dizer algo, e dão feedback linguístico ao responder as suas perguntas parafaseando, quando parece necessário, a emissão infantil, isto é, retraduzindo no código adulto o significado identificado na emissão infantil (FERREIRO, 2003, p.30.).

No caso da língua escrita o comportamento da comunidade escolar é marcadamente oposto. Quando a criança faz suas primeiras tentativas para escrever e desqualificada de imediato porque faz garatujas. Desde as primeiras escritas o traçado deve ser correto e a ortografia convencional. Ninguém tenta compreender o que a criança quis escrever, porque supõe que não possa escrever nada até ter recebido a instrução formal pertinente. Ninguém tenta retraduzir o que a criança escreveu, porque lhe nega o direito de aproximar-se da escrita por um caminho diferente do indicado pelo método escolhido pelo professor.

As pesquisas sobre os processos de aquisição da linguagem oral mostram claramente que a repetição desempenha um papel muito limitado nesse processo. Sabemos que as crianças aprendem muito mais construindo do que repetindo o que os outros disseram.

Em língua oral permitimos à criança que se engane ao produzir, tanto quanto ao interpretar, e que aprenda através de suas tentativas para falar e para entender a fala dos outros. Em língua escrita todas as metodologias tradicionais penalizam continuamente o erro, supondo que só se aprende através da reprodução correta, e que é melhor não tentar escrever, nem ler, se não está condições de evitar o erro. A consequência inevitável é a inibição: as crianças não tentam ler nem escrever e, portanto, não aprendem.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os apontamentos dos autores citados neste breve estudo no que se referente a linguagem, entende-se que a medida que a criança se apropria dos valores culturais presentes na sociedade, por meio da linguagem, altera significativamente o processo de formação do seu pensamento. A linguagem é o sistema de signos mediador das funções psíquicas. A produção desta permite a constituição da capacidade de simbolizar e operar racionalmente.

O pensamento verbal, de acordo com os estudos dos autores, produzem grandes mudanças nas crianças, principalmente no modo como se relacionar com o seu meio, com outras pessoas e consigo mesmo. Permitindo ao ser humano planejar suas ações, indo além das experiências imediatas o que o torna participante do gênero humano.

É pela linguagem verbal que as crianças começam a expressar seus pensamentos através das palavras, se fazer entender e assim vão adquirindo autonomia, ou seja, desde cedo, os bebês emitem sons articulados que lhes dão prazer e que revelam seu esforço para comunicar-se como os balbucio, gestos, etc.

Sendo assim, o desenvolvimento da linguagem e da comunicação, se dá através da estimulação e interação do meio, onde a criança encontra-se inserida, a

princípio com família, mais tarde na escola onde vão ampliar e enriquecer o seu repertório de palavras se tornando mais autônomas.

No ambiente escolar, cabe ao educador criar e proporcionar as crianças momentos de interações como as rodas de conversas que oportuniza a prática da fala, comentar sobre a realidade do dia a dia, inventar histórias e trocar informações. Nessas situações aprendem a escutar, discutir regras e argumentar.

A linguagem escrita ocorre desde muito cedo, desde o momento em que a criança realiza rabiscos, desenhos, elabora e participa de brincadeiras de faz de conta, pois atribui a essas atividades a função de signos. A criança constrói o conceito de língua escrita ao compreender que as palavras escritas são símbolos que comunicam pensamentos, sentimentos e interações. Emilia Ferreiro faz apontamentos significativos a respeito das tentativas de escritas das crianças de expressar seus pensamentos, são escritas que se baseiam em outros princípios e que deve ser levados em conta.

A aquisição da linguagem oral e escrita, portanto é primordial na Educação Infantil, por contribuírem para que a criança construa gradativamente um pensamento mais elaborado. No entanto, cabem aos educadores da educação infantil refletir a realidade, não considerando a linguagem apenas como habilidades mecânicas e repetitivas da fala e da escrita.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional Para educação Infantil**. 3v. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. 20 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as Letras**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LANDSMANN, Liliana Tolchinky. **Aprendizagem da Linguagem Escrita**. 3 ed. Barcelona: editora ática, 2006.

REGO, T. C. **Vygotsky: Uma Perspectiva Historico-Cultural da Educação**. 9 ed. Petropolis-RJ: editora vozes,1995.

VYGOTSKY, Lev.S.,Luria, A.R., Leontiev, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 9 ed. São Paulo: Editora Ícone, 2001.